



O Corpo Da Mulher Nas Danças Vernaculares Afro Diaspóricas

Palavras chaves: Danças Vernaculares Afro Diaspóricas; Corpo mulher; Gênero

Autores(as):

VICTORIA CORREA MARTINS VIEIRA, IA – UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). HOLLY ELIZABETH CAVRELL (orientadora), IA - UNICAMP

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de iniciação científica teve como objetivo compreender e analisar o corpo da mulher dentro dos contextos das danças vernaculares afro diaspóricas. Assim inicio a pesquisa destrinchando o conceito de danças vernaculares afro diaspóricas para investigar de que maneira essas danças socialmente se constroem, pensando assim o corpo feminino nesse espaço. Posteriormente, levanto percepções desse corpo feminino, tecendo relação do corpo com esses espaços e desses espaços com o corpo. Percepções desenvolvidas por meio de análises corporais, entendendo como se manifesta esse corpo da mulher ao dançar, salientando quais qualidades e por assim conotações surgem a partir de seus movimentos, associando ao fato de serem executados por mulheres. Essas análises foram realizadas partindo do estudo corporal de quatro mulheres profissionais da dança, juntamente a uma auto análise. Além de levantamentos bibliográficos para embasamento teórico da pesquisa.

METODOLOGIA

Levantamento bibliográfico: Para embasar a pesquisa foram escolhidas bibliografias considerando de que forma o corpo da mulher é socialmente construído, utilizando autoras da área dos estudos de gênero. Conjuntamente a bibliografias voltadas ao conceito de danças

vernaculares afrodiaspóricas para compreender, como essas danças são constituídas socialmente, estudando qual época e povo originam-se.

Levantamento de vídeos: Escolha de vídeos para realização das análises. Foram extraídos das redes sociais de cada artista (disponibilizados ao público), tendo como critério de escolha: a visibilidade do corpo completo das dançarinas, a limitação de no máximo 3 pessoas dançando no vídeo para facilitar a análise e vídeos onde as artistas estão dançando predominantemente seu estilo de dança dominante. As profissionais escolhidas foram Amanda Araújo, Jess Nascimento, Fran Manson e Mariana Maciel.

Análise I estudo/observação dos corpos das profissionais escolhidas: A partir dos vídeos selecionados foi analisado o corpo dessas mulheres identificando as qualidades (sentidos) expostas em seus movimentos e observando quais conotações surgem a partir de suas danças, relacionado ao fato de serem produzidas por corpos femininos. Foram utilizadas como ferramentas de análise oito Ações de Esforço de Laban.

Análise II observação dos comentários nas redes sociais das profissionais: essa análise se deu objetivando observar e rastrear os comentários em vídeos de dança nas redes sociais das dançarinas escolhidas. Evidenciando a relação entre esses corpos dançantes e os sujeitos que os observam. A rede social “Instagram”, utilizada também na análise anterior, segue sendo a ferramenta de estudo.

Análise III investigação do meu corpo: foi focada em uma auto análise, entendendo que sou mulher e que estudo Hip Hop, técnica de dança presente dentro das danças vernaculares afrodiaspóricas. Desenvolvendo enquanto ferramenta de registro para essa análise um diário de campo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a luta das mulheres, em meados do século XIX, pelos direitos iguais à cidadania, tendo em vista a proibição das mesmas pelo direito ao voto, à posse de propriedade e ao acesso à educação, elaboram-se reflexões sobre essa desigualdade experienciada por elas, reverberando questionamentos da mulher sobre si, entendendo que aquilo que vivenciam não é natural, portanto justo.

Corpo identidade

A dicotomia entre sexo e gênero perpassa do campo teórico ao campo prático quando se entende que comportamentos, ações e pre-conceitos são construídos em cima do gênero, não das próprias vontades e desejos pessoais. O corpo sofre portanto atravessamentos forçados, no qual o sujeito é visto como um recipiente onde são colocados acordos sociais, dando-lhe “marcas” corporais que o relembram como se portar e agir.

Dessa forma, ao entender o corpo como morada da identidade, o corpo da mulher ao dançar carrega consigo diversos atravessamentos, moldado e influenciado em seu modo de mover e de se apresentar ao mundo.

Dentre as vertentes ideológicas que surgem para responder ou indagar as questões voltadas a subordinação das mulheres, trago a pesquisa de Adriana Piscitelli, onde apresenta Friedrich Engels, que evidencia a subordinação da mulher a partir das diferenças de classes sociais, portanto aquele que possui mais poder é o mais forte, é o que deve ser respeitado e obedecido. Donna Haraway acrescenta à discussão os conceitos relacionados à raça, classe, nacionalidade entre outras que complementam a problemática envolvendo a mulher.

O corpo da mulher e as intersecções

Dessa forma há uma importância de considerar outros fatores de submissão das mulheres para além do gênero. As mulheres negras historicamente foram vistas como seres desprovidos de gêneros, ao contrário das mulheres brancas as discussões acerca das diferenças sociais entre homens e mulheres ocorriam em um parâmetro diferente para a população negra. As mulheres negras trabalhavam da mesma forma que os homens negros, eram seres voltados unicamente ao trabalho.

Carla Akotirene traz o termo *interseccionalidade*, inicialmente desenvolvido por Kimberlé Crenshaw e incorporado por diversas feministas negras, que aponta a luta feminista das mulheres negras, não apenas ligada ao gênero, mas levando em consideração todos os aspectos e consequências da colonização, onde as diferenças sociais, envolvidas pelo sistema capitalista, diferenças políticas, o patriarcado, o racismo, a sexualidade, as formas corporais entre outros aspectos são palcos para as opressões.

Danças vernaculares afro-diaspóricas

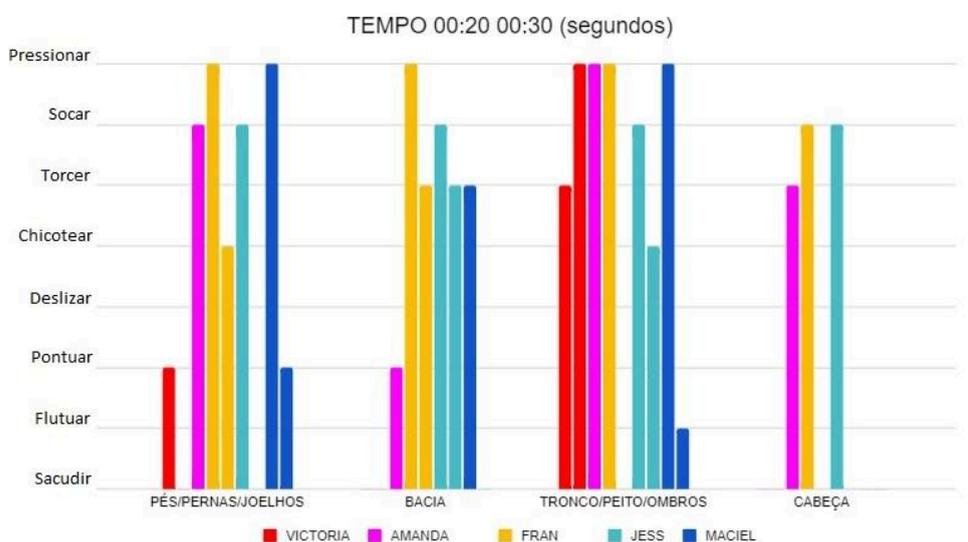
Danças-vernaculares afro-diaspóricas são danças de origem negra, danças que carregam consigo um contexto implícito da experiência sociocultural deste povo, esse conceito

apresentado situa um determinado tempo histórico que essas danças surgem e sobretudo aponta seu povo. Danças vernaculares seguem o caráter de danças que surgem do cotidiano, sobretudo partem do coletivo, onde nele é ensinado de forma natural, não acadêmica, por vezes ensinado com a oralidade, a observação, trabalham a práxis da memória. Existe nessas danças a concepção de coletividade, em sua maioria são dançadas em coletivo, cada qual com suas singularidades, mas apoiados em um “troca” com o outro.

Dessa forma afirma-se que as desigualdades presentes nos corpos femininos são vistos considerando vários aspectos como raça, classe e gênero, e que as opressões são postas não de formas naturais, mas surgem através das culturas. Resultando portanto no mote da pesquisa, pensar como esses corpos femininos são vistos/recebidos dentro das Danças-vernaculares afro diaspóricas, que se constituem pela cultura.

Análises I e III.

A fim de esboçar de forma didática os conteúdos reunidos das análises proponho um gráfico sintetizando tanto as análises referentes às profissionais escolhidas quanto a auto análise realizada. Ressalto que os resultados da Análise II não foram relevantes para o desenvolvimento da pesquisa, portanto não serão esboçados. Abaixo está o gráfico referente aos últimos 10 segundos dos vídeos das análises I e III:



CONCLUSÃO

¹ A ordem das qualidades de movimento vai do maior grau de tônus muscular ao menor grau, considerando as variações de tempo e direção no espaço.

Dessa forma conclui-se que o conceito de “mulher” não é definido por sua natureza, mas sim pela cultura que a cerca, ou seja, a cultura se sobrepõe à natureza. E se o corpo que vive é o mesmo que dança, o corpo que é atravessado por restrições de gêneros impostos pela sociedade reflete/traz isso em sua dança, portanto, reiterando as teses feministas, pode concluir que o corpo generificado (BUTLER, 2018) influencia definitivamente o corpo que dança.

Pude concluir com a pesquisa que a opressão sofrida pelas mulheres nascem da sociedade, são colocadas e impostas por ela, e portanto podem ser desfeitas. O espaço das danças vernaculares afro-diaspóricas é um espaço coletivo, no qual todos devem se sentir confortáveis de contribuir com suas danças e corpos, sem se sentirem oprimidos.

Assim me indago: Qual identidade meu corpo dançante defende e construa-se diante das opressões impostas pela sociedade?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GORDON, Katrina Hazzard. **African-American Vernacular Dance: Core Culture and Meaning Operatives**. Journal of Black Studies, Vol. 15, No. 4, p 427-445, Jun 1985. Disponível em: <[African-American Vernacular Dance: Core Culture and Meaning Operatives on JSTOR](#)>. Acesso em: 4 mai. 2023.

JACKSON, Jonathan David. **Improvisation in African-American Vernacular Dancing**. Dance Research Journal. Vol. 33, No. 2, p. 40-53, Feb 2001. Disponível em: <[Improvisation in African-American Vernacular Dancing on JSTOR](#)>. Acesso em: 4 mai. 2023.

CARVALHO, Catia Fernandes de. **Presenças femininas na Dança de Rua coreografando estéticas de existência**. 2009. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós- graduação em Educação em Ciências: Química da vida e saúde) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <[Dissertação Catia - versão 04-09-09 \(ufrgs.br\)](#)>. Acesso em: 4 mai. 2023-

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Boitempo, São Paulo, 1ª edição, p. 1-237, Set, 2016. Disponível em: <[Mulheres, raça e classe \(usp.br\)](#)>. Acesso em: 5 mai. 2023

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (Categoria) Mulher? **A prática Feminista e o Conceito de Gênero**, Campinas, nº 48, p. 7- 42, Nov, 2002. Disponível em: <[adriana-piscitelli.pdf \(wordpress.com\)](#)>. Acesso em: 5 mai. 2023

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 16ª edição, p. 1 - 226, 2018. Disponível em: <[Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade \(usp.br\)](#)>. Acesso em: 4 mai. 2023

AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade. Feminismos Plurais**. Pólen. São Paulo, p. 1- 62, 2018. Disponível em: <[Interseccionalidade \(Feminismos Plurais\) \(ufg.br\)](#)>. Acesso em: 1 fev 2024

ANDREOLI, Giuliano Souza Andreoli. **Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural**. Caxias do Sul, v. 15, n. 1, p. 107- 118, jan./abr. 2010.

MADDALENA, Martina. **Vernacular, authentic or modern, what is jazz dance?**. Secrets of Solo. Waterford, Ireland. 2020. Disponível em: <<https://secretsofsolo.com/2020/08/vernacular-authentic-or-modern-what-is-jazz-dance/>>. Acesso em: 2 ago 2024.

Chavier, Amanda Manóchio; Silva, Júlia Martins. **Permeando Histórias e Contextos: Jazz Dance, Seus Fundamentos e Transformações**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2022. p. 55. Disponível em: <<https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1266497>>. Acesso em: 2 ago 2024.